



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE LICENTURA EM GEOGRAFIA-FACGEO

CAROLINE COSTA BATISTA

**A Feira Municipal de Porto de Moz como um nó de Fluxos na
Produção do Espaço Urbano- Ribeirinho Amazônico**

Altamira-PA
2025

CAROLINE COSTA BATISTA

**A Feira Municipal de Porto de Moz como um nó de Fluxos na
Produção do Espaço Urbano- Ribeirinho Amazônico**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à
faculdade de Geografia, do campus Universitário de
altamira, Universidade Federal do Pará, como
Requisito Parcial para obtenção do Título de
Licenciado em Geografia

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Herrera
Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a Gleiciely Barroso
Carvalho

Altamira-PA
2025

C837f Costa Batista, Caroline.
A FEIRA MUNICIPAL DE PORTO DE MOZ COMO UM NÓ
DE FLUXOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO-
RIBEIRINHO AMAZÔNICO / Caroline Costa Batista. — 2025.
23 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. José Antônio Herrera
Coorientação: Profª. Dra. Gleiciely Barroso Carvalho
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Geografia,
Altamira, 2025.

1. Feira Municipal . 2. Urbanização Amazônica . 3.
Cidades Ribeirinha . 4. Centralidade Urbana . I. Título.

CDD 381.186098115

ADRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada acadêmica. As meus Pais Cemirames Barbosa da costa, e Domingos Sergio santos Batista, pelo amor incondicional, que foi meu alicerce em todos os momentos, oferecendo força, apoio e acolhimento para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês são minha base e inspiração. A minha irmã Jainy Kerolen costa Batista, que teve uma paciência incondicional e esteve ao meu lado nos momentos mais desafiadores, sou profundamente grata pelo apoio e pela compreensão. Finalizo agradecendo ao meu irmão e ao meu sobrinho, que iluminaram minha caminhada com carinho, incentivo e presença.

Agradeço também aos colegas de curso e aos amigos que caminharam comigo desde 2022, compartilhando aprendizados, dificuldades, risos e descobertas. À equipe do laboratório do LEDTAM, a minha amiga Thayse Rocha, que foi mais que uma parceira de trabalho, foi apoio, companhia e força nos momentos mais intensos dessa caminhada. Também minhas colegas Edilaine Amorim, Amanda Rodrigues e Vanessa leite, por todas as risadas, companhia e incentivo de sempre. Minha gratidão por todo o incentivo, diálogo e parceria.

Assim finalizo agradecendo em especial ao meu orientador José Antônio Herrera e Co-orientadora Gleiciely Barroso Carvalho, cujo a orientação, paciência e confiança foram fundamentais para realização deste trabalho.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares”

Josué 1:9

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2.METODOLOGIA

2.1 Procedimentos Metodológicos

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A Produção do Espaço Amazônico e suas Particularidades Socioespaciais

3.2 Porto de Moz no Contexto da Urbanização Ribeirinha: Centralidade e Dinâmicas Territoriais

3.3 A Feira Municipal de Porto de Moz como Espaço Fixo, Mediação Socioespacial e Nó de Circulação de Fluxos

3.4 Fluxos, Abastecimento e Relações Campo–Cidade na Amazônia Ribeirinha

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. REFERÊNCIAS

A FEIRA MUNICIPAL DE PORTO DE MOZ COMO UM NÓ DE FLUXOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO-RIBEIRINHO AMAZÔNICO

Batista, Caroline Costa¹

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Geografia, Altamira, PA, Brasil
caroline.batista@altamira.ufpa.br

Dr. prof. Herrera, José Antônio²

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Geografia, Altamira, PA, Brasil
herrera@ufpa.br

Dr^a. Prof.^a. Carvalho, Gleiciely Barroso³

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Geografia, Altamira, PA, Brasil
gbctiely@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a feira municipal de Porto de Moz (PA) como espaço fixo e nó de circulação de fluxos na produção do espaço urbano-ribeirinho amazônico. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico e documental, observação direta e uso de dados sistematizados pelo LEDTAM/UFPA, investigou-se como a feira articula práticas econômicas, sociais e territoriais que expressam a continuidade das relações entre cidade, rio e floresta. Os resultados evidenciam que a feira desempenha papel central no abastecimento da população urbana e ribeirinha, integrando produtos provenientes da agricultura familiar, do extrativismo e de centros regionais e nacionais, configurando um sistema multiescalar de circulação de mercadorias. A análise mostra que a feira funciona como território de sociabilidade, de reafirmação identitária e de mediação entre diferentes circuitos produtivos, revelando formas híbridas de urbanização características das cidades amazônicas. Conclui-se que a feira municipal é um elemento estratégico da centralidade urbana de Porto de Moz, materializando a interação entre fixos e fluxos e contribuindo para compreender a dinâmica socioespacial das cidades ribeirinhas na Amazônia

Palavras-chave: Feira municipal. Urbanização Amazônica. Cidades Ribeirinhas. Fixos e Fluxos. Centralidade Urbana.

The Municipal Market of Porto de Moz as a Node of Flows in the Production of the Amazonian Riverine-Urban Space

ABSTRACT

¹ Graduanda em Geografia- Universidade Federal do Pará- UFPA. E-mail: caroline.batista@altamira.ufpa.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9442-7131>

² Doutor em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Campinas –UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará –PPGEO/FacGeo/UFPA. E-mail: herrera@ufpa.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8249-5024>

³ Doutora em Geografia pela Programa de Pós-Graduação em Geografia e da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará –PPGEO/FacGeo/UFPA. E-mail: gbctiely@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8849-9317>

This article analyzes the municipal market of Porto de Moz (Brazil) as a fixed space and a circulation node in the production of the Amazonian riverine-urban territory. Based on a qualitative approach, supported by bibliographic and documentary review, direct observation, and data systematized by LEDTAM/UFPA, the study examines how the market articulates economic, social, and territorial practices that express the continued interaction between city, river, and forest. The results show that the market plays a central role in supplying both urban and riverine populations, integrating products from family farming, extractivism, and regional and national distribution centers, thus forming a multiscalar circulation system. The analysis demonstrates that the market functions as a territory of sociability, identity reaffirmation, and mediation between different productive circuits, revealing hybrid forms of urbanization characteristic of Amazonian cities. It is concluded that the municipal market is a strategic element of urban centrality in Porto de Moz, materializing the interaction between fixed structures and circulating flows, and contributing to the understanding of socio-spatial dynamics in Amazonian riverine cities

Keywords: Municipal market. Amazonian Urbanization. Riverine cities. Fixed elements and Flows. Urban centrality.

1.INTRODUÇÃO

O processo de urbanização da Amazônia desenvolveu-se de maneira singular quando comparado às demais regiões brasileiras, resultado de dinâmicas históricas, intervenções estatais, movimentos populacionais e formas específicas de apropriação do território. Desde o período colonial, a organização socioespacial amazônica tem sido marcada pela relação direta entre sociedade, rios e floresta, moldando cidades que apresentam características híbridas, nas quais elementos urbanos e ribeirinhos se entrelaçam e se reconfiguram continuamente (CASTRO, 2008; TRINDADE JR., 2015).

Compreender as cidades amazônicas exige reconhecer que seus processos de formação, expansão e transformação não seguem os padrões clássicos da urbanização industrial-rodoviária do Sudeste e do Nordeste. As cidades amazônicas, incluindo Porto de Moz, exprimem uma lógica espacial própria, em que o rio atua simultaneamente como via de circulação, espaço simbólico, base da economia e agente estruturante da vida cotidiana. Essa condição ribeirinha se manifesta tanto nas práticas sociais quanto nas dinâmicas comerciais, configurando territórios marcados pela interdependência entre o urbano, o rural e a floresta.

Entre os espaços que sintetizam essa articulação, destacam-se as feiras municipais, reconhecidas como lugares essenciais para a reprodução material e simbólica da vida ribeirinha. Mais do que pontos de compra e venda, as feiras funcionam como espaços de encontro, de circulação de saberes, de reafirmação de identidades e de articulação entre diferentes escalas econômicas. Em cidades pequenas amazônicas, como Porto de Moz, a feira assume papel ainda mais central ao integrar fluxos provenientes das comunidades ribeirinhas, das áreas rurais e de outros centros urbanos regionais.

Análises contemporâneas sobre cidades amazônicas têm compreendido as feiras como espaços de mediação socioespacial⁴, nos quais diferentes territorialidades – urbana, ribeirinha e florestal se encontram, se tensionam e se recombinaem (HERRERA et al., 2025). Essa perspectiva amplia a compreensão das feiras para além de simples pontos comerciais, evidenciando seu papel na reprodução cultural, na manutenção dos vínculos territoriais e na organização dos fluxos de abastecimento.

Do ponto de vista geográfico, a noção de fixos e fluxos, formulada por Milton Santos, permite interpretar a feira como um objeto espacial que não apenas organiza práticas de abastecimento, mas orienta deslocamentos, acessos e interações sociais. Nesse sentido, a feira de Porto de Moz opera como um elemento de centralidade, articulando circuitos econômicos distintos – desde o circuito inferior, baseado em práticas tradicionais e produção artesanal, até fluxos externos oriundos de centros urbanos regionais.

Além disso, a inserção de produtos provenientes da Reserva Extrativista Verde para Sempre (RESEX-VPS) confere à feira um caráter singular, pois tais itens carregam valor simbólico, identitário e cultural que transcende o plano econômico. A presença desses produtos reforça a importância da feira como elo entre a cidade e a floresta, reafirmando práticas extrativistas e modos de vida ribeirinhos.

Assim, compreender a feira municipal de Porto de Moz implica reconhecer que ela sintetiza permanências históricas e transformações recentes da urbanização amazônica, refletindo tanto a continuidade de saberes tradicionais quanto a incorporação de novas dinâmicas de circulação e consumo impulsionadas pela globalização e pelo fortalecimento das redes regionais.

Diante disso, este estudo busca demonstrar que a feira municipal de Porto de Moz se constitui como um espaço estratégico na produção do território urbano-ribeirinho, atuando como mediadora de fluxos econômicos, culturais e simbólicos. Para tanto, o artigo organiza-se em quatro partes, além desta introdução: na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos; em seguida, discute-se a contextualização histórico-socioespacial da Amazônia e a especificidade de Porto de Moz no contexto da urbanização ribeirinha; por fim, analisam-se a feira municipal como espaço fixo e nó de circulação de fluxos e as considerações finais.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi estruturada para analisar a feira municipal de Porto de Moz como espaço complexo, onde se articulam práticas urbanas, ribeirinhas e extrativistas.

⁴ Mediação socioespacial refere-se ao conjunto de relações, práticas e interações que articulam diferentes sujeitos, territórios e escalas por meio de um espaço específico, que funciona como elo entre dinâmicas sociais, econômicas e culturais. Dessa maneira, evidencia que o espaço não é apenas suporte físico, mas produto e condição das relações sociais, organizando fluxos, centralidades e territorialidades (Lefebvre, 1991; Santos, 2008).

Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, complementada por elementos quantitativos descritivos, orientada por referenciais clássicos e contemporâneos da Geografia e das Ciências Sociais. A escolha metodológica deve-se ao caráter dinâmico e multiescalar do objeto investigado, que exige interpretação de significados, práticas, fluxos e territorialidades.

Importa destacar que esta pesquisa integra um conjunto de ações desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais da Amazônia (LEDTAM/UFGA), o que justifica e legitima o uso de dados previamente sistematizados em expedições de campo, notas técnicas, mapeamentos e registros produzidos pela equipe do laboratório. A pesquisa parte da compreensão de que a feira municipal ultrapassa a função de equipamento comercial, configurando-se como espaço de mediação territorial, onde se articulam dinâmicas urbanas, ribeirinhas e extrativistas. Nesse sentido, adota-se uma abordagem qualitativa interpretativa, voltada à análise aprofundada dos processos sociais e espaciais.

O estudo dialoga com a perspectiva multiescalar proposta por Herrera et al. (2025), ao integrar teoria, empiria e análise territorial, sem, contudo, reproduzir integralmente seus procedimentos metodológicos. A investigação qualitativa é complementada por dados quantitativos descritivos, como contagem de consumidores e identificação da origem das mercadorias, permitindo reconhecer padrões gerais sem comprometer a densidade analítica.

Procedimentos Metodológicos

Dessa forma, os procedimentos metodológicos foram organizados de modo a garantir uma leitura multiescalar e integrada do fenômeno, articulando fontes empíricas, referenciais teóricos e dados previamente sistematizados.

Os procedimentos adotados compreenderam quatro frentes principais e complementares: (1) levantamento bibliográfico e documental, responsável por construir o arcabouço teórico e contextual da pesquisa; (2) observação direta em campo, que permitiu identificar dinâmicas cotidianas e padrões de sociabilidade na feira; (3) análise de dados secundários produzidos pelo LEDTAM, possibilitando aprofundar a compreensão dos fluxos de abastecimento e do perfil dos consumidores; e (4) tratamento analítico-interpretativo dos dados, orientado por autores que discutem a produção do espaço, a mediação territorial e as especificidades das cidades ribeirinhas amazônicas.

Esses procedimentos, articulados entre si, constituem um conjunto coerente de estratégias investigativas, permitindo interpretar a feira municipal como espaço de mediação socioespacial, fixo geográfico e nó de articulação de fluxos, perspectiva que se alinha às discussões contemporâneas sobre urbanização e territorialidades amazônicas.

O procedimento metodológico complementa levantamento bibliográfico e documental voltado à compreensão da urbanização amazônica, das dinâmicas de pequenas cidades e da produção do espaço. Foram apresentados autores que discutem cidade e urbanização na Amazônia, cidades ribeirinhas, mediação socioespacial, centralidade e territorialidades tradicionais, fornecendo base teórica para a análise.

- Urbanização e cidade na Amazônia: Castro (2006), Corrêa (1987), Trindade Jr (2015), Becker (1990);
- Cidades pequenas e ribeirinhas: Coutinho (2011), Oliveira (2008) Schor (2021);
- Produção do espaço, mediação e centralidade: Lefebvre (1974), Santos (1999);

Além disso, foram analisadas obras acadêmicas, documentos institucionais, mapas oficiais do IBGE e materiais produzidos pelo LEDTAM. Buscando ampliar o entendimento sobre mediação territorial, circuitos econômicos e sociabilidade ribeirinha, aproximando a pesquisa dos debates atuais sobre Amazônia urbana.

As observações de campo, realizadas em expedições entre 2022 e 2023, possibilitaram também registrar a organização espacial da feira, os fluxos de circulação, as interações sociais e o papel do trapiche e do Rio Xingu no abastecimento. Esses registros foram articulados a dados sistematizados, como mapeamentos de fluxos, perfis de consumidores e registros cartográficos, permitindo uma leitura integrada da feira enquanto fixo geográfico e nó de articulação de fluxos. A análise foi estruturada em torno da relação entre estrutura espacial, circulação de mercadorias e mediação socioespacial, evidenciando a centralidade da feira na dinâmica urbana e ribeirinha

Desse modo, a articulação entre abordagem qualitativa, dados quantitativos descritivos e bases empíricas consolidadas permitiu construir uma análise integrada e multiescalar da feira municipal, compreendendo não apenas como espaço de comércio, mas como território de mediação socioespacial que expressa fluxos, centralidades e territorialidades próprias da dinâmica amazônica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contextualização socioespacial da Amazônia

A formação socioespacial da Amazônia resulta de um longo processo histórico marcado por diferentes ciclos econômicos, estratégias de ocupação e projetos de integração territorial. Desde o período colonial, a região foi incorporada ao território brasileiro por meio de práticas de exploração, missões religiosas e mecanismos de controle estatal que se apoiavam fortemente nos rios como principais vias de circulação e integração (Corrêa, 1987; Castro, 2008).

A urbanização amazônica, diferentemente das regiões centro-sul do país, não se estruturou inicialmente a partir de rodovias ou da industrialização, mas sim por meio de aldeamentos missionários, postos de coleta, feitorias e núcleos ribeirinhos que surgiram junto aos grandes rios e seus afluentes. Trindade Jr. (2015) destaca que esses primeiros núcleos urbanos funcionavam como pontos de articulação entre o projeto colonial e as populações indígenas, consolidando-se como cidades fluviais fortemente dependentes da dinâmica hídrica.

O quadro 01, a seguir, sintetiza os principais momentos históricos desse processo, indicando as estratégias políticas e econômicas que moldaram o espaço urbano amazônico:

Quadro 01: quadro histórico da urbanização na Amazônia

Período	Acontecimento	Descrição
Séculos XVI–XVIII	Chegada dos portugueses na região amazônica	• Início da colonização da região amazônica. • Implantação de missões religiosas para garantir a posse territorial. • Uso estratégico dos rios como vias de circulação, ocupação e controle territorial.
Século XIX-	Marco inicial da urbanização na região Amazônica. (CORREA,1987)	• Consolidação de núcleos urbanos ligados à economia extrativista. • A borracha como elemento impulsionador da urbanização. • Fortalecimento das redes fluviais como eixo de organização territorial.
Final do século XIX- início do século XX	Avanço da urbanização na região Amazônica	• Aldeamentos indígenas às margens dos rios transformam-se em vilas e cidades. • Inserção da Amazônia como exportadora de matérias-primas. • Intensificação da exploração dos recursos naturais.
Século XX	Integração territorial e políticas estatais	• Ciclo da borracha (1870–1912) e seus reflexos urbanos. • Política da “Marcha para o Oeste” no período Vargas. • Estratégias de ocupação territorial durante a Ditadura Militar. • Intensificação da exploração econômica e integração nacional.

Meados do século XX- início da década de 1990	Urbanização dirigida por grandes projetos	• Implantação de projetos de desenvolvimento estatal. • Ocupação dos chamados “espaços vazios”. • Construção de rodovias, hidrelétricas e polos de mineração. • Surgimento de vilas, agrovilas e cidades ao longo das estradas. • Amazônia Contemporânea (Continuidade de grandes empreendimentos econômicos) • Expansão urbana associada à infraestrutura e ao agronegócio. • Novas dinâmicas territoriais e socioambientais.
--	--	--

Fonte: CORREA,1987; CASTRO,2024, Elaborado, Batista, 2025

Ao longo desses períodos, duas grandes lógicas de urbanização se consolidaram na região, conforme descreve Castro (2008). A primeira, de base fluvial, estruturou cidades ao longo dos rios, onde a economia extrativista, o aviamento e a circulação por embarcações definiram os modos de vida e a organização do território. A segunda, impulsionada por políticas desenvolvimentistas do Estado – especialmente durante a ditadura militar –, deslocou parte da ocupação para o interior da floresta, com a abertura de estradas, projetos de colonização, exploração mineral, hidrelétricas e agrovilas planejadas (Becker, 1990).

Essas duas matrizes – ribeirinha e rodoviária – coexistem até hoje e ajudam a explicar a configuração híbrida da urbanização amazônica. Enquanto o modelo ribeirinho mantém forte vínculo com os rios como eixos estruturadores das práticas sociais, o modelo rodoviário introduziu novos ritmos urbanos, maior conectividade terrestre e intensificação de fluxos econômicos externos.

A leitura multiescalar encontra eco em pesquisas recentes que têm analisado as permanências e transformações da urbanização amazônica. Herrera; Ramos; Silva (2014), ao estudar as dinâmicas produtivas e territoriais da Amazônia Paraense, destaca que os processos de desenvolvimento regional não se dão de forma linear, mas a partir de disputas, sobreposições e reconfigurações entre diferentes agentes e formas de uso do território. Em outro estudo, Herrera et al. (2025) demonstra que as cidades pequenas amazônicas apresentam particularidades ligadas à permanência de práticas tradicionais e à dependência de circuitos econômicos locais, reforçando o papel dos rios, das feiras e das relações comunitárias na produção do espaço urbano.

A Amazônia contemporânea, marcada por projetos de grande escala, expansão do agronegócio, avanço da fronteira madeireira e reorganizações produtivas, passou também a conviver com novas dinâmicas de urbanização: intensificação das redes regionais, maior

circulação de mercadorias e integração desigual ao mercado nacional. No entanto, mesmo diante dessas mudanças, o padrão ribeirinho permanece como um dos elementos centrais da identidade territorial amazônica.

Nesse sentido, estudos como os de Herrera et al. (2025) reforçam que as cidades amazônicas continuam profundamente estruturadas por territorialidades ribeirinhas, pela centralidade dos mercados locais e pela circulação fluvial, que mantém vivas práticas tradicionais e modos de vida associados à floresta e aos rios, apesar das pressões contemporâneas.

Um exemplo claro dessa dinâmica é a cidade de Porto de Moz, cuja formação está diretamente vinculada ao período colonial e ao papel estratégico do rio Xingu. Sua localização privilegiada possibilitou que o núcleo urbano funcionasse, desde seus primórdios, como ponto de articulação entre comunidades ribeirinhas, áreas extrativistas e rotas regionais de circulação. Essa configuração permanece até hoje, evidenciando a natureza híbrida e resiliente da urbanização amazônica.

Porto de Moz no Contexto da Urbanização Ribeirinha

As cidades ribeirinhas da Amazônia historicamente se formaram em estreita relação com os rios, que funcionaram como eixos naturais de transporte, comunicação e sociabilidade, configurando modos específicos de urbanização, distintos dos padrões centrados em rodovias e industrialização. (Castro, 2008; Trindade Jr., 2015). Nesse quadro, o município de Porto de Moz emerge como exemplo paradigmático de cidade ribeirinha amazônica, cuja origem remonta ao período colonial, quando ordens religiosas, particularmente os capuchinhos da Congregação de São José, navegaram pelo Baixo Xingu visando catequização e controle territorial (Pinto, 2017). Isso impulsionou a formação de um núcleo de povoamento às margens do rio, que ao longo das décadas se consolida como cidade.

Estudos recentes têm reforçado a relevância de Porto de Moz como um caso de urbanização de base ribeirinha, evidenciando a persistência de dinâmicas territoriais ligadas aos rios, à floresta e às práticas extrativistas, mesmo diante das transformações advindas de grandes projetos, migrações internas e pressões econômicas. Herrera et al. (2025) destacam que a cidade mantém estruturas de sociabilidade, abastecimento e identidade que derivam da vocação histórica fluvial, o que reforça sua classificação como cidade pequena ribeirinha amazônica com forte base de ribeirurbanidade.

O conceito de “ribeirurbano” é proposto por Montoia & Costa (2024), segundo o qual cidades ribeirinhas amazônicas expressam uma antropogeografia particular, na tríade habitante-lugar-modo de vida.

Nesse sentido, Porto de Moz se configura como cidade pequena ribeirinha por apresentar uma morfologia urbana dispersa, marcada pela fluidez tipicamente amazônica, a mobilidade fluvial, a integração com comunidades ribeirinhas e extrativistas e a centralidade de espaços como a feira municipal, que atuam como nós de articulação de fluxos socioeconômicos, culturais e territoriais.

Para pensar o que caracteriza uma cidade pequena nessa perspectiva amazônica, as definições clássicas de cidade, baseadas estritamente no número de habitantes ou densidade populacional, mostram-se inadequadas. Autores como Sakatauskas; Santana (2016) argumentam que as “pequenas cidades amazônicas” devem ser entendidas a partir de suas particularidades socioterritoriais: disseminação urbana difusa, integração entre espaços urbanos e rurais, prevalência de economias informais e extrativistas, e forte dependência dos rios como eixos estruturadores da vida social e econômica.

As cidades ribeirinhas como Porto de Moz não se definem apenas pela proximidade física com o rio, mas pelas relações complexas entre natureza, cultura, economia e história, pela interdependência entre o urbano, o rural e o florestal, e pela persistência de uma lógica de vida adaptada ao ambiente amazônico, onde rios e florestas estruturam a paisagem, a mobilidade, os modos de produção e as identidades locais (Oliveira, 2012; Trindade Jr., 2015).

No caso de Porto de Moz, essa dinâmica se expressa com clareza: a presença contínua do rio Xingu como via principal de acesso, a existência de comunidades extrativistas e ribeirinhas no entorno, e a centralidade da feira municipal como espaço de abastecimento e sociabilidade urbana-ribeirinha evidenciam que a cidade permanece ancorada a seu passado histórico, mesmo diante das transformações contemporâneas, manifestando o que pode ser chamado de “urbanodiversidade amazônica”.

Além disso, entende-se que há permanência dessa característica ribeirinha em Porto de Moz, apesar das transformações econômicas e sociais vivenciadas pela cidade ao longo do tempo, tais como ciclos extrativistas, madeireiros e migratórios, de modo que não eliminaram as práticas tradicionais, mas as sobrepuseram ou as adaptaram, resultando em formas híbridas de urbanização, nas quais o urbano e o ribeirinho convivem e se entrelaçam.

Portanto, compreender Porto de Moz exige superar categorias urbanísticas convencionais, adotando uma leitura sensível às particularidades amazônicas, valorizando rios, florestas, ribeirinhos, circuitos extrativistas, mobilidade fluvial, economia tradicional e redes sociais locais, elementos centrais para apreender a especificidade de sua urbanização, identidade e dinâmica territorial.

A feira Municipal de Porto de Moz: Espaço Fixo e nó de Circulação de Fluxos

As feiras municipais constituem-se como um dos principais elementos estruturadores do cotidiano urbano-ribeirinho na Amazônia, articulando dimensões econômicas, culturais e territoriais que ultrapassam a função comercial. Essas feiras funcionam simultaneamente como fixos geográficos, que materializam práticas e objetos no espaço, e como nós de circulação, onde se entrecruzam pessoas, mercadorias, saberes e temporalidades (Trindade Jr., 2015; Santos, 1979). No contexto amazônico, especialmente em cidades pequenas, esses espaços são fundamentais para compreender as dinâmicas sociais e urbanas, pois sintetizam a interação entre urbano, rural, ribeirinho e extrativista.

Em Porto de Moz, a localização da feira municipal, situada às margens do rio Xingu, revela de maneira evidente sua centralidade socioespacial. Localizada entre o trapiche, a orla e o centro comercial da cidade, a feira posiciona-se como um verdadeiro ponto de convergência territorial, reforçando a paisagem ribeirurbana que caracteriza Porto de Moz e estruturando práticas cotidianas de abastecimento, circulação e sociabilidade. A Figura 01 ilustra essa posição estratégica, na qual se observa a proximidade direta entre embarcações, fluxo de pessoas e o espaço físico da feira.

Figura 01: Feira municipal de Porto de Moz



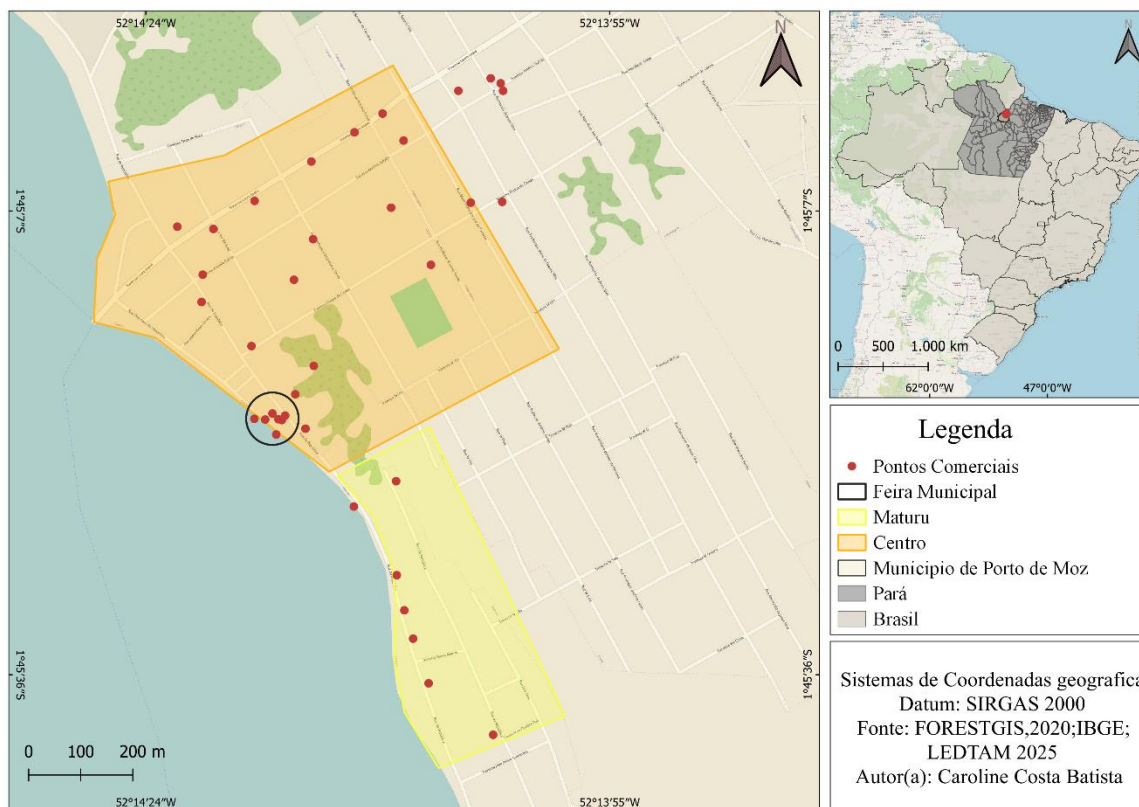
Fonte: LEDTAM, 2023

A partir da imagem, apresentada na figura 01, percebe-se que a feira opera como uma interface entre duas lógicas: o fluvial, responsável pela chegada de ribeirinhos, extrativistas e suas mercadorias; e o urbano, no qual consumidores da sede municipal acessam bens, alimentos e produtos tradicionais. Essa articulação confirma a leitura de Herrera et al. (2025), segundo os autores, as feiras amazônicas, de acordo o estudo de caso da cidade de Porto de Moz, funcionam

como mediações materiais e simbólicas, garantindo a continuidade de práticas tradicionais e a circulação de valores culturais associados ao modo de vida ribeirinho.

Para Santos (1979), fixos não se definem apenas por sua posição no espaço, mas pela capacidade de atrair fluxos, comandar relações e organizar a vida social. A feira de Porto de Moz se enquadra nesse entendimento ao desempenhar o papel de centralidade na dinâmica territorial local. O Mapa 01 evidencia essa função ao situar a feira no coração do tecido urbano, articulando-a ao centro comercial, às vias de acesso e ao porto.

Mapa 01: Área central da cidade de Porto de Moz



Fonte: LEDTAM, Elaboração, Batista, 2025

A proximidade com o rio reforça sua função como espaço nodal dentro da rede urbana local: a feira se torna ponto de entrada e redistribuição de produtos provenientes das comunidades ribeirinhas, da zona rural do município e de centros regionais como Altamira, Belém e Gurupá. Essa multiescalaridade dos fluxos confirma que a feira opera não apenas como equipamento municipal, mas como componente de uma rede mais ampla, conectando Porto de Moz a circuitos extrarregionais e até interestaduais de circulação de mercadorias.

No quadro 01, referente aos principais consumidores da feira demonstra que a maior parte dos clientes é composta por moradores da cidade, mas também evidencia significativa presença de pessoas oriundas de comunidades rurais e ribeirinhas. Esse padrão indica que a

feira atua como espaço de integração socioeconômica entre a sede municipal e seu entorno, reforçando a relação campo–cidade tão característica da Amazônia.

Quadro 01: Principais consumidores das mercadorias da Feira municipal de Porto de Moz

Agentes consumidores das Mercadorias da feira	
Consumidores comunidades rurais	6
Consumidores própria cidade Das comunidades rurais	43
Consumidores da própria cidade	21
Consumidores da própria cidade e das comunidades rurais de outras cidades	12
Total	82

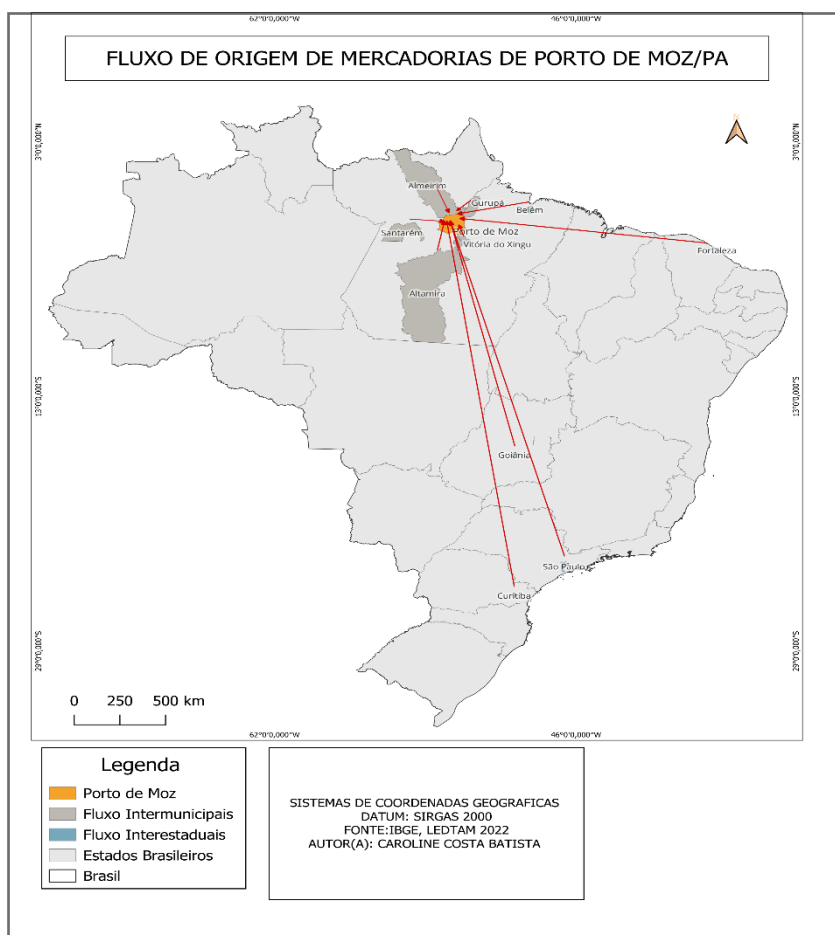
Fonte: LEDTAM, 2022, Elaboração, Batista 2025

A análise do Quadro 01 evidencia que a maior parte dos consumidores da feira municipal de Porto de Moz é composta por moradores da própria cidade, seguida por compradores vindos das comunidades ribeirinhas do entorno. Esse padrão reforça a centralidade da feira no abastecimento cotidiano da população urbana, ao mesmo tempo em que revela seu papel articulador entre diferentes porções do território municipal. A presença significativa de consumidores das áreas rurais e ribeirinhas demonstra que a feira funciona como um espaço de integração socioeconômica, promovendo a circulação de mercadorias, pessoas e saberes entre a sede municipal e as comunidades que mantêm vínculos históricos com Porto de Moz.

Além disso, ao observar o conjunto dos estabelecimentos comerciais que compõem a economia local, percebe-se que a feira municipal se destaca por concentrar e dinamizar fluxos que conectam diferentes escalas territoriais. Essa dinâmica evidencia um intenso fluxo econômico de abastecimento, no qual produtos oriundos da agricultura familiar, do extrativismo ribeirinho e dos centros urbanos regionais convergem para atender tanto à população da cidade quanto às famílias que residem às margens dos rios.

No Mapa 02 é possível verificar a origem de mercadorias que chegam a Porto de Moz, permitindo visualizar os territórios fornecedores e compreender a lógica multiescalar que sustenta o abastecimento local.

Mapa 02: Origem das mercadorias comercializadas.



Fonte: LEDTAM, 2022, Elaboração Batista, 2025.

Ao articular fluxos internos e externos, a feira reafirma sua condição de nó estratégico na rede de circulação que organiza a vida econômica do município. Sendo possível verificar que: parcela relevante dos produtos alimentares perecíveis é proveniente de Altamira e Belém; bens industrializados chegam de redes de distribuição mais amplas, incluindo centros como São Paulo; e que produtos tradicionais, como farinha, peixe, mel e óleos vegetais, são oriundos das comunidades da RESEX Verde para Sempre.

Essa diversidade de fluxos comprova que Porto de Moz desempenha papel de centralidade intermediária, conectando-se tanto a mercados locais de base tradicional quanto a polos regionais e nacionais.

A feira, portanto, materializa uma dupla articulação da economia urbana amazônica, de modo que as economias tradicionais convivem, se entrelaçam e se transformam diante dos fluxos mercantis contemporâneos. A variedade de produtos exposto nas bancas evidencia essa interseção: enquanto frutas, hortaliças, temperos e utensílios cotidianos representam o abastecimento urbano contemporâneo, itens como peixe fresco, farinha, ervas medicinais, óleos

extrativistas e derivados da sociobiodiversidade reafirmam a importância das relações tradicionais entre cidade, rio e floresta.

Notadamente, além dos fluxos alimentares e dos produtos tradicionais provenientes das comunidades ribeirinhas, a feira municipal de Porto de Moz também se articula com circuitos econômicos de maior alcance territorial. Os fluxos de longa distância, especialmente os relacionados a roupas, calçados, utensílios domésticos e bens de consumo duráveis, operam em escala regional e interestadual, conectando o município a centros distribuidores maiores, como Belém e São Paulo, além de outros polos comerciais que abastecem o varejo amazônico. Esses centros funcionam como eixos de redistribuição ampliada, responsáveis pela entrada de mercadorias que não são produzidas localmente nem disponibilizadas no circuito regional imediato, evidenciando a dependência estrutural da cidade em relação às redes externas de abastecimento.

Essa circulação ampliada possibilita que Porto de Moz exerça funções de abastecimento, troca e redistribuição de bens em escala intermunicipal, ao mesmo tempo em que se integra a uma lógica econômica mais ampla, que ultrapassa seus limites administrativos. Assim, a cidade não apenas recebe produtos, mas também redistribui mercadorias para comunidades do entorno, consolidando-se como um nó estratégico na rede regional de circulação. Essa articulação territorial revela a inserção de Porto de Moz em um sistema econômico multiescalar, no qual o fluxo de mercadorias conecta pequenos centros urbanos amazônicos a cadeias logísticas de dimensão estadual e nacional.

Quando esses fluxos de origem diversificada são relacionados à dinâmica interna da cidade, torna-se evidente que a feira municipal se destaca como principal ponto de convergência desses produtos. É nesse espaço que os diferentes circuitos, tradicional ribeirinho, agrícola local, regional e interestadual, se materializam, reforçando a centralidade da feira no cotidiano urbano. A chegada de mercadorias oriundas de múltiplos territórios fortalece sua função como articuladora entre a zona rural, as comunidades ribeirinhas e o núcleo urbano, estabilizando-a como um elemento fundamental na rede de abastecimento e de trocas que estrutura Porto de Moz.

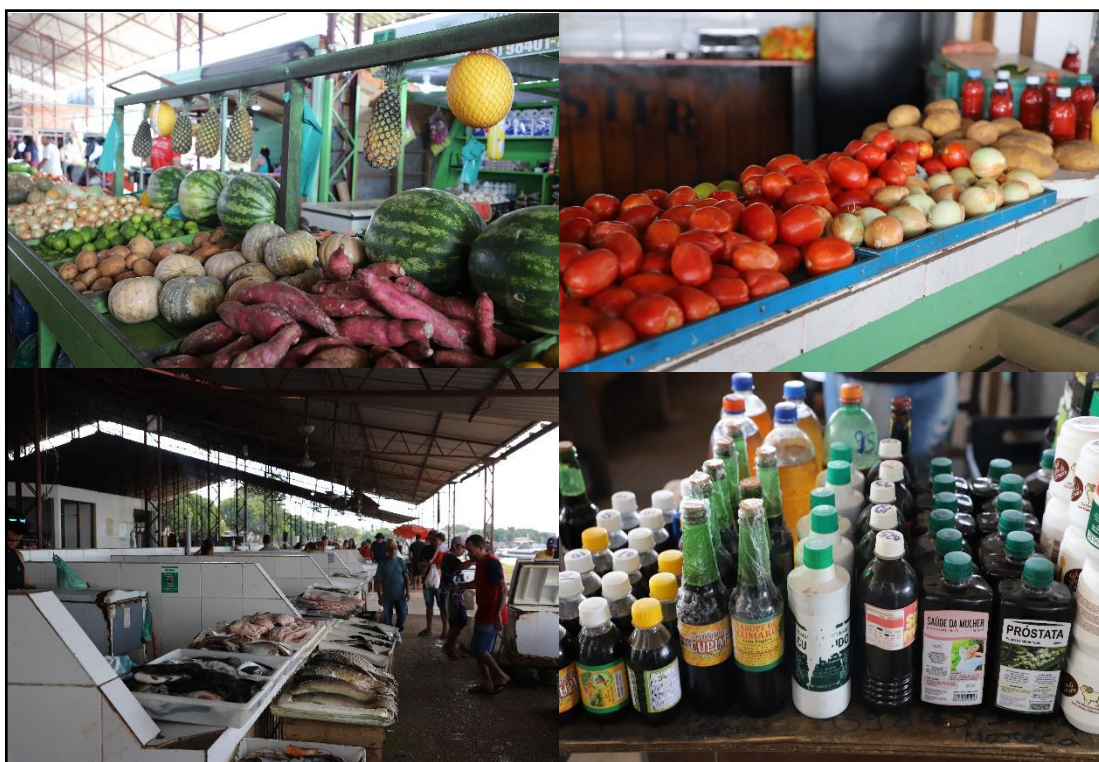
A feira municipal, ao longo do tempo, expandiu suas funções e consolidou sua estrutura, tornando-se cada vez mais integrada a outros lugares, o que reforça seu papel central dentro da rede urbana local. Essa centralidade pode ser compreendida a partir do conceito de Sposito e Góes (2013), para quem centralidade é resultado da interação entre fluxos, objetos geográficos e representações simbólicas que conferem valor histórico e social a determinados pontos do espaço urbano. Em cidades pequenas amazônicas, esse fenômeno se expressa pela intensidade

dos deslocamentos entre cidade e interior, bem como pelas dinâmicas intraurbanas que organizam o cotidiano da população.

É fundamental considerar que as relações estabelecidas na feira não se limitam apenas às funções comerciais típicas da rede urbana. Para além disso, envolvem dimensões sociais, culturais, identitárias e simbólicas que se fortalecem especialmente em cidades de pequeno porte (Melo; Amaral, 2024). Nesse sentido, as dinâmicas internas da feira municipal de Porto de Moz se estruturam simultaneamente pela circulação de produtos e pelas interações sociais que ocorrem em seu interior. A variedade de produtos ofertados, que inclui hortaliças, legumes, frutas diversas e itens da sociobiodiversidade como farinha, pescado, queijo de búfala e ervas medicinais, reforça a feira como espaço plural, no qual diferentes modos de vida, práticas tradicionais e necessidades urbanas se encontram e se complementam.

Na Figura 02, fica exemplificado essa diversidade e ajuda a compreender a feira como espaço estruturante, onde práticas culturais e econômicas se manifestam de forma simultânea. Ao observar a circulação intensa de consumidores, a organização das bancas e a diversidade de produtos, torna-se evidente que a feira funciona como mais do que um espaço comercial: ela é um território de sociabilidade, de transmissão de saberes, de encontros e de produção de identidades, exercendo a função na centralidade urbana.

Figura 2: Feira Municipal de Porto de Moz



Fonte: LEDTAM, 2022

Como destacam Sposito e Góes (2013), a centralidade urbana não depende apenas de volume econômico, mas também de densidade simbólica, sentido de pertencimento e valor cultural. A feira de Porto de Moz expressa essa centralidade simbólica ao se constituir como lugar de memória, práticas tradicionais e reprodução do cotidiano ribeirinho.

Além disso, a feira se apresenta como elemento-chave para a manutenção das relações comunitárias e para o funcionamento da vida econômica local, reafirmando sua relevância como espaço de mediação socioespacial entre diferentes territorialidades: urbana, ribeirinha e extrativista, em Porto de Moz.

Por fim, a análise integrada de mapas, fluxos, imagens e observações de campo confirma que a feira municipal é o principal ponto de convergência de circulações no município, estruturando seu papel como nó territorial, como espaço de reprodução da vida social e como componente imprescindível do sistema urbano-ribeirinho amazônico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que a feira municipal de Porto de Moz constitui um dos principais elementos estruturantes da dinâmica urbano-ribeirinha local. Ao ser interpretada como espaço fixo e nó de circulação de fluxos, evidenciou-se que a feira organiza o abastecimento cotidiano da cidade, articula diferentes circuitos econômicos e materializa a relação histórica entre cidade, rio e floresta – dimensão central para a compreensão da urbanização amazônica.

Os resultados indicam que a feira cumpre, simultaneamente, funções econômicas, sociais e simbólicas. Do ponto de vista econômico, destaca-se como principal ponto de confluência dos produtos oriundos da agricultura familiar, do extrativismo ribeirinho e dos centros urbanos regionais, conectando Porto de Moz a uma rede multiescalar de abastecimento que envolve desde comunidades da RESEX Verde para Sempre até cidades como Altamira, Belém e outros polos distribuidores. Social e culturalmente, a feira configura-se como território de sociabilidade, encontro e troca de saberes, no qual se reforçam identidades ribeirinhas e se atualizam práticas tradicionais associadas ao uso dos rios e da floresta.

A partir da perspectiva de fixos e fluxos, tal como formulada por Santos (1979), a feira municipal de Porto de Moz pode ser compreendida como um ponto de centralidade intermediária na rede urbana amazônica. Ela concentra objetos geográficos, atrai pessoas, mercadorias e informações, e organiza a circulação entre o espaço urbano e as comunidades ribeirinhas, expressando a “ribeirurbanidade” que caracteriza Porto de Moz (MONTIOIA; COSTA, 2024; HERRERA et al., 2025). A diversidade de produtos e agentes presentes na feira

mostra como as economias tradicionais e os fluxos mercantis contemporâneos se entrelaçam, produzindo formas híbridas de urbanização.

O estudo também evidenciou que a feira funciona como elo entre escalas distintas: local, ao garantir o abastecimento da população da sede municipal; municipal e intermunicipal, ao redistribuir mercadorias para comunidades e localidades vizinhas; e regional/nacional, ao conectar Porto de Moz a grandes centros distribuidores. Essa multiescalaridade reforça o papel da feira como nó estratégico da rede de circulação de mercadorias e como componente essencial da produção do espaço urbano-ribeirinho amazônico.

Reconhecem-se, contudo, algumas limitações da pesquisa, especialmente a dependência de dados secundários produzidos pelo LEDTAM e o recorte temporal restrito das observações de campo, que não permitiu acompanhar as variações sazonais da feira ao longo do ano. Pesquisas futuras podem aprofundar a análise por meio de entrevistas com feirantes e consumidores, estudos comparativos com outras cidades ribeirinhas e investigações específicas sobre os impactos das políticas públicas e dos grandes projetos sobre a dinâmica da feira e da cidade.

Ainda assim, os resultados aqui apresentados contribuem para o debate sobre urbanização amazônica, cidades ribeirinhas e circuitos econômicos locais, evidenciando que a compreensão dos mercados e feiras municipais é fundamental para apreender as formas pelas quais se produzem, se reorganizam e se resistem os territórios na Amazônia. Em Porto de Moz, a feira municipal revela-se, portanto, não apenas como um equipamento urbano de abastecimento, mas como espaço estratégico de mediação socioespacial e de afirmação da identidade ribeirinha.

5. REFERÊNCIAS

D AMARAL, M. S. A. *Feiras livres e dinâmicas urbanas na Amazônia: o espaço da troca e da cultura*. Belém: UFPA, 2018.

BATISTA, J. P. *Mapas temáticos de Porto de Moz: área central e origem das mercadorias da feira municipal*. Altamira: LEDTAM, 2025. (Mapas inéditos).

BECKER, B. K. *Amazônia*. Rio de Janeiro: Ática, 1990.

CARDOSO, A. C. (org.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2006.

CASTRO, E. *Cidades na floresta: a urbanização da Amazônia*. São Paulo: Contexto, 2008.

CASTRO, J. F. de. *O circuito inferior da economia urbana em uma cidade ribeirinha da Amazônia: uma análise a partir de Porto de Moz-PA*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Altamira, 2024.

CORNÉLIO, G. S. *A relação cidade e rio na Amazônia: mudanças e permanências em Vitória do Xingu/PA face à construção da UHE Belo Monte*. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1–164, jul./set. 1987.

COUTINHO, S. A. Perfil, relações e necessidades: uma breve análise sobre as cidades pequenas. *Geotextos*, Salvador, v. 7, n. 2, p. 47–68, 2011.

HERRERA, J. A.; BATISTA, C. C.; MORAIS, T. R.; CARVALHO, G. B. A feira municipal de Porto de Moz como espaço fixo e nó de circulação de fluxos na produção do espaço urbano-ribeirinho amazônico. *Revista Ciência Geográfica*, Bauru, 2025. (No prelo).

HERRERA, J. A.; RAMOS, P.; SILVA, J. U. B. Novas estratégias produtivas na Amazônia: estudo sobre os produtores agropecuários familiares no sudoeste paraense. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 52, n. 1, p. 223–242, 2014.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: resultados preliminares para o Pará*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LEDTAM – Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais da Amazônia. *Relatórios de campo e registros fotográficos da feira municipal de Porto de Moz*. Altamira: UFPA, 2022–2023.

MELO, A.; AMARAL, M. S. A. Cidades pequenas na Amazônia e centralidades emergentes: dinâmicas socioespaciais contemporâneas. *Revista Amazônia Moderna*, Manaus, v. 12, n. 1, p. 55–78, 2024.

MONTOIA, G.; COSTA, L. F. Ribeirurbano: notas sobre antropogeografia e modos de vida em cidades ribeirinhas amazônicas. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 27, n. 3, p. 25–48, 2024.

OLIVEIRA, J. A. de. *Cidades ribeirinhas na Amazônia: natureza, cultura e urbanização*. Manaus: Valer, 2002.

OLIVEIRA, J. A. de. Cidades ribeirinhas e modos de vida na Amazônia. In: TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. C. (orgs.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008. p. 15–26.

PINTO, L. O. M. *Porto de Moz: o caminhar histórico de um povo*. Porto de Moz: Gráfica Renascer, 2017.

SAKATAUSKAS, G. B.; SANTANA, P. R. Pequenas cidades amazônicas: dinâmicas socioespaciais e redes urbanas. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 287–304, 2016.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHOR, T.; OLIVEIRA, J. A. de. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia brasileira. *Acta Geográfica*, Boa Vista, v. 5, n. 11, p. 15–30, 2011.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. Centralidade urbana: conceitos, práticas e escalas. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 117–144.

TRINDADE JR., S. C. *Cidades na floresta: uma abordagem sobre a urbanização na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2015